

**EXPERIÊNCIA:
O INSTRUMENTO PARA
UM CAMINHO HUMANO**

Assembleia Internacional de Responsáveis
de Comunhão e Libertação

LA THUILE, AGOSTO 2009

Na capa: Vasilij Kandinski, *O lago*, (1910), Galeria Tre'jakov, Moscovo

Tradução do italiano: Luísa Utra Machado

Impressão: RicSil-Artes Gráficas, Lda.

B. Fraternidade, R. da Aliança lt. 173, 2695-573 S. João da Talha

INTRODUÇÃO | JULIÁN CARRÓN

Terça-feira 18 de Agosto de 2009, noite

No início de um gesto como este que estamos a começar, a Assembleia Internacional de Responsáveis, de nada temos mais necessidade do que da potência do Espírito, daquela energia de Cristo, a única capaz de poder mudar, introduzir a novidade nos nossos ossos, em cada fibra do nosso ser.

Todos nós sabemos o quanto somos necessitados desta energia: quanto mais temos consciência da desproporção dos nossos recursos, tanto mais temos consciência de que precisamos de qualquer coisa maior do que as nossas intenções e do que a nossa boa vontade, e por isso urge dentro de nós este grito ao Espírito para que a energia de Cristo entre na nossa vida e nos torne disponíveis para a graça que o Senhor nos quiser dar nestes dias.

Vinde, Espírito Santo

Pensando no percurso que fizemos ao longo deste ano e no conteúdo dos Exercícios da Fraternidade para perceber qual é a urgência maior que sinto para todos nós, para o movimento a todos os níveis, e olhando para a situação em que nos encontramos, em que somos chamados a viver a fé, o contexto cultural em que estamos imersos, a palavra sintética que me vinha constantemente à ideia era “confusão”. Percebemos qualquer coisa da origem desta confusão quando dissemos, nos Exercícios da Fraternidade, que isso não é senão a consequência do desabar de “antigas certezas” que leva cada vez mais a uma confusão¹. Quantas vezes nos sentimos perdidos, sem saber como enfrentar certas coisas ou como viver diante de certas circunstâncias!

Só se somos capazes de nos ajudarmos a perceber esta si-

¹Julián Carrón, “Da fé o método”, Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rimini 2009, suplemento da Revista *Passos* de Maio, p. 18.

tuação e a responder à urgência que esta provoca em nós, é que podemos ir embora depois destes dias com maior clareza, de modo a podermos viver melhor tudo quanto a vida nos pede para enfrentar, e poder também contribuir para o bem dos nossos irmãos homens. Diante desta situação todos nos damos conta que já não nos basta, como não basta a tantos dos nossos irmãos, uma repetição, ainda que certa, de um discurso. Para dizer com uma expressão de *don* Giussani: a repetição de um discurso correcto e educado. Dizia-o há uns anos: “transmite-se um discurso correcto e educado, algumas regras sobre como ser cristãos e homens. Mas sem amor, sem o reconhecimento do Mistério vivificante, a pessoa apaga-se e morre. A nossa esperança, a salvação de Cristo, não pode ser qualquer coisa que lemos e sabemos repetir bem. Um discurso mais ou menos edificante ou moralista é aquilo a que tantas vezes é reduzido o anúncio”².

E isto também nós o sabemos: não nos basta saber o que é o casamento para que este se mantenha, não nos basta saber o que é o trabalho para que não se torne um túmulo, não nos basta saber que as circunstâncias são uma ocasião para que não se tornem uma derrota... Já não nos basta, e isto sabemos-lo: este dualismo não responde à verdadeira necessidade que temos! Muitas vezes repetimos a coisa certa, mas isto não nos mantém de pé, não nos faz respirar.

Temos necessidade de ver diante de nós pessoas que pela sua forma de estar, pela sua forma de enfrentar a realidade, de reagir diante das provocações da vida, introduzem uma luz, uma clareza no meio da confusão pelo modo como vivem os afectos, o trabalho, as circunstâncias. Digamos que é ali, no modo como enfrentamos os desafios quotidianos, que nós verificamos se temos qualquer coisa que nos ajuda a viver (que nos dá um gosto mais intenso do viver) ou então, se estamos desarmados como os outros. Precisamos de homens que encarnem na sua vida uma possibilidade real de viver hoje a vida humana como homens. Quando nos encontramos diante de algumas destas pessoas é como se este desnorteamento, esta confusão, come-

²L. Giussani, *Un caffè in compagnia. Conversazioni sul presente e sul destino*, Milão, Rizzoli 2004, pag 173-174.

çasse a ser vencida: estas pessoas começam a fazer-nos companhia mesmo se vivem longe, tornam-se verdadeiramente uma companhia real.

A razão é a que sempre nos ensinou *don* Giussani e que repetiu numa das últimas entrevistas, que deu ao *Corriere della Sera* no dia do seu último aniversário: “Antes de mais seria preciso corrigir o modo habitual com que se concebe a fé. Todo o início novo da experiência cristã – e por isso de cada relação – não se gera de um ponto de vista cultural, quase como se fosse um discurso que se aplica às coisas, mas acontece experimentalmente [experimentalmente: são as pessoas a quem nestes anos chamámos testemunhas]. O início da fé não é uma cultura abstracta, mas qualquer coisa que vem antes: um acontecimento. A fé é a tomada de consciência de qualquer coisa que aconteceu e que acontece, de uma coisa nova da qual tudo parte, realmente. É uma vida e não um discurso sobre a vida”³. Uma vida que vemos viver diante de nós, que vemos respirar diante de nós, nas circunstâncias, na trama normal da existência.

Mas a testemunha não basta. A testemunha mostra-nos uma possibilidade real mais humana de viver as circunstâncias a que somos chamados, e por isso impressiona-nos, mas não basta, porque cada um de nós (eu, tu), precisa que aconteça na sua vida, nas circunstâncias que é obrigado a enfrentar, ou seja, precisa de fazer a experiência pessoal daquilo que a testemunha mostra. Para que se torne meu! Precisamos da evidência na nossa própria experiência, porque cada um de nós deve enfrentar pessoalmente as circunstâncias, a vida, e precisa de verificar que esta pode ser vivida de outro modo, que a confusão pode ser derrotada, que a morte não é o destino de cada circunstância. De outro modo afundamo-nos nas circunstâncias e usamos as frases de *don* Giussani como epitáfio sobre o nosso túmulo... Vi isto, por exemplo, no modo com que tantas vezes ouvi falar de passagens dos Exercícios da Fraternidade acerca das circunstâncias (“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são factor essencial, e não secundário, da nossa vocação, da missão a que nos chama”⁴): todos a repetem, mas quantas

³G. G. Vecchi, “Io e i ciellini. La nostra fede in faccia al mondo”, no *Corriere della Sera*, 15 de Outubro de 2004.

⁴L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti, Génova 1999, p. 63.

vezes ouviram e viram documentado que as circunstâncias foram verdadeiramente factor essencial do crescimento do eu, da possibilidade de que a vida respire e não apenas um lamento, o túmulo sobre o qual se põe o epitáfio da frase? Porque se nós não fazemos experiência disto, tornar-nos-emos cada vez mais cépticos. Pelo contrário, eu devo poder ver na minha experiência a evidência da verdade: não me basta a experiência da testemunha, devo ser eu, na primeira pessoa, a fazer experiência, preciso que me aconteça a mim.

E impressionava-me, relendo nestes dias algumas páginas de *Certi di alcune grandi cose* (1979/1981), um dos livros da *équipe* que publicámos nos últimos anos, a insistência de *don* Giussani sobre isto já em 1980, quando afirma que se não me empenho a verificar aquilo que intuo e pré-sinto como um valor através do testemunho de um outro, mais cedo ou mais tarde vou-me embora; se não o vejo acontecer em mim, se não me empenho em verificá-lo, a fazer realmente experiência disto, antes ou depois deixa de me interessar. E insistia sobre uma das preocupações fundamentais, isto é, que a vida se torne verdadeiramente um caminho e que tudo sirva para a certeza, para atingir cada vez mais uma certeza que faça crescer a vida: “Uma pessoa aos sessenta anos, pode ter provado tudo o provável, mas não é necessariamente por isso que é uma pessoa «experimentada»; a experiência é a capacidade de comparação com o ideal. De outro modo não se faz experiência de nada, tem-se a característica posição de tantos velhos, cheios de vazio, de nada”⁵.

Aquilo que desejo para mim e para cada um de nós é que não acabemos como velhos cheios de vazio. E, para que a vida não passe em vão, a única possibilidade é fazer experiência daquilo que dizemos. Vejam as correcções que *don* Giussani já fazia em 1980: “Até agora dissemos: «Da experiência ao juízo». Proponho que esta fórmula seja substituída pelo slogan: «Passemos do fazer o movimento à experiência do movimento». Dizer: «Passemos do fazer o movimento à experiência» coincide com todo o discurso da personalização. Que o fazer o movimento se torne experiência minha e tua [a sua constante

⁵L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose*, (1979-1981), Bur, Milão 2007, p. 148.

preocupação é que se torne nossa, que se torne minha e tua!]: a peça-chave desta passagem é o juízo. De facto, como é que acontece esta passagem? Revestindo tudo aquilo que fazemos com o confronto com o ideal, isto é, com um juízo. [...] Porque é o juízo que torna experiência uma coisa que se faz. [...] O que quer dizer ajuizar? Quer dizer comparar aquilo que se faz com o ideal reconhecido. É revestir aquilo que se faz do ideal, da consciência do ideal. Como é que isto acontece? Acontece quando o ideal é como um peso, no sentido de peso específico de um metal. É um peso, uma memória, um gosto que uma pessoa tem dentro de si, como quando beija uma rapariga, ou quando cobiça uma coisa no supermercado que se pode roubar, quando se volta a casa e o pai e a mãe discutem, ou quando faltam dez dias para o exame e se está todo o dia agarrado aos livros [...] É preciso seguir as pessoas vivas. Quem é uma pessoa viva? A pessoa viva é alguém que, sabendo ou não, consciente ou inconscientemente, tem dentro este peso [este gosto]⁶.

Ao longo de todo este ano a Escola de comunidade, as vicissitudes que tivemos de enfrentar, os Exercícios da Fraternidade, estiveram diante de nós com um peso específico, como um gosto que nos foi comunicado: que experiência fizemos disto? Estamos aqui para nos ajudarmos a ajuizar, a perceber melhor, a tornarmo-nos testemunhas uns para os outros desta experiência, para que se incremente este gosto, para derrotarmos juntos esta confusão, não acrescentando palavras a palavras, mas como testemunho desta vitória, deste gosto que Cristo introduz na vida. Porque sem que isto se torne verdadeiramente experiência nós não crescemos na certeza da fé, a fé não se torna para nós aquele conhecimento verificado na experiência que introduz uma novidade em qualquer coisa que vivamos.

Portanto, estes dias são dias de trabalho, de trabalho pessoal, de trabalho entre amigos, de trabalho juntos. Seria uma pena desperdiçá-los. O tempo é todo trabalho e é todo tempo livre, porque estamos aqui para que se torne cada vez mais nosso aquilo que nos dizemos.

⁶*Ibidem*, pp. 149-150.

Quinta-feira 20 de Agosto de 2009, noite

1. A REDUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Que ajuda impressionante a Igreja dá a cada um de nós em cada instante! Bastaria que estivéssemos presentes naquilo que acontece, naquilo que dizemos para que aprendéssemos um outro modo de nos relacionarmos com o real, um outro olhar sobre a experiência. Porque todas as dificuldades que surgiram, e que agora vamos olhar de frente, são desafiadas pelo testemunho que os profetas deram na história, que a Igreja nos repropõe cada manhã para escancarar os nossos olhos para o real tal como é.

Olhem – não sei se se deram conta –, quando lemos esta manhã o segundo salmo do profeta Oseias que dissemos: “Quando Israel era ainda menino, Eu o amei e do Egipto chamei o meu filho. Mas quanto mais os chamava, mais se afastavam de mim; imolavam sacrificios aos Baals, e queimavam oferendas aos ídolos. Entretanto Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços [é isto aquilo que me interessava: não que não sejam capazes, que não adiram], mas não reconheceram que era Eu quem cuidava deles [não é que não estivessem diante dos factos, como nós estamos diante dos factos, mas não percebiam que cuidava deles]. Atraía-os com laços de bondade, com vínculos de amor; fui para eles como quem pega num menino ao colo; inclinava-me para lhes dar de comer”⁷. Mas: “O meu povo é duro a converter-se, [isto é não submetiam a razão à experiência, não percebendo]: chamado a olhar para o alto, ninguém procura elevar-se [é como se ficassem apanhados numa armadilha e ninguém levantasse o olhar para colher tudo o que está naquilo que estão a viver; e não levantando o olhar, não olhando bem, não entrando até ao fundo naquilo que estão a viver, não percebem, e por isso a realidade última permanece-lhes estranha, o fundo último que se torna presente naqueles gestos permanece desconhecido; e qual é este fundo último?].

⁷Oss. 11, 1-4.

Como poderei abandonar-te, Efraim? Entregar-te-ei a outros, Israel? Como poderia Eu tratar-te como Adama, Ou tornar-te como Seboim? O Meu coração agita-se dentro de Mim, o Meu íntimo estremece de compaixão”⁸. O fundo último da experiência que fazem é este, mas eles não percebem que Ele cuida deles.

Se pegarmos no canto de Adriana Mascagni, é o mesmo. Todos nós nos levantámos esta manhã, e cada um pode compará-lo com o que aconteceu desde que acordou até que chegou aqui. “Meu Deus olho para mim e descubro que não tenho rosto; olho o meu fundo e vejo a escuridão sem fim. Só quando me dou conta que Tu existes”⁹... Não que não exista, existe; mas no modo como nos olhamos não está a consciência disso: não me dou conta que esteja, e como falta isto não renasço, como não ouço a voz, não renasço. O sinal é que eu renasço. O teste que para mim não é somente uma coisa “pia” mas qualquer coisa de real: eu renasço.

É somente para dar dois exemplos de como a Liturgia ou os cantos que fazemos nos desafiam constantemente. Mas é como se não fossem capazes de penetrar a crosta com a qual nós já os reduzimos. Porque o eu que lê ou que canta já está reduzido, está já numa relação com o real que lhe impede de colher toda o alcance daquilo que existe!

Então, a questão é: como nos ajudamos a perceber tudo quanto está na experiência de tal modo que o nosso eu renasça? Porque o objectivo – amigos – não são dissertações intelectuais, o objectivo deste olhar verdadeiro sobre tudo, sobre o real, é que o eu renasça.

O problema, é que nos custa verdadeiramente fazer experiência (uma das palavras mais usadas entre nós, mas menos percebidas). Todos usamos a palavra “experiência”, mas, juntamente com a outra, a palavra “correspondência”, erramos no modo como a usamos, e devemos ajudar-nos a aprofundar de onde surgem as reduções para que comecemos a tornarmo-nos conscientes delas. E para o perceber é preciso partir da experiência, ajudarmo-nos a perceber porque a reduzimos, porque

⁸Os. 11, 7-8.

⁹A. Mascagni, “Il mio volto”, *Cancioneiro*, G. C. Coimbra, Lda, Coimbra 2005, p. 223.

a usamos mal, olhando o que acontece. Senão, prevalece a confusão, e a confusão na qual vivemos evidencia-se precisamente na redução que fazemos da experiência, redução grave, recordou-nos sempre *don* Giussani, porque enfraquece ou torna vão o método fundamental do desenvolvimento humano, porque a experiência é o caminho do desenvolvimento da pessoa. Isto é: a experiência é o instrumento que temos nas nossas mãos para o nosso desenvolvimento, para o nosso crescimento; mas se nós os usamos mal ou reduzimos, tudo aquilo que acontece na vida é inútil, é estéril, não serve, não incrementa o nosso eu, não desenvolve a nossa pessoa. Como dizíamos na Introdução: podemos ficar velhos e vazios mesmo tendo vivido muitas coisas, mas sem ter feito experiência.

Isto, para mim – já o contei tantas vezes – era muito palpável para mim quando era professor de liceu. De manhã, nas aulas, os alunos enchiam o quadro de perguntas; e ao fim do dia, quando recebia os adultos por marcação, lembro-me ainda de um que teríamos podido definir como um homem “de experiência”, entre aspas, porque tinha dado a volta ao mundo, não tinha ficado fechado entre quatro paredes toda a sua vida, mas tinha feito tudo e mais alguma coisa. E espantava-me que tivesse as mesmas e idênticas perguntas dos miúdos, como se não lhe tivesse acontecido nada na vida. Mas os miúdos tinham toda a vida diante deles; o outro, pelo contrário, estava ali, depois de ter vivido tantas coisas, mas tudo tinha sido inútil para responder às perguntas da existência. Vêem? Não se trata de expressões que *don* Giussani usa de modo abstracto; é que depois encontra-las mesmo, mesmo diante de ti nos rostos concretos de pessoas que estão verdadeiramente confusas depois de anos de um viver “intenso”. Porquê? Por uma redução da experiência: se o método da experiência está enfraquecido, tudo quanto acontece não serve e cresce a confusão, cresce o desnorteamento, ou pior ainda, a nossa cabeça está cheia de conteúdos impostos pelo poder. “A definição das palavras mais importantes da vida, se fosse determinada pela mentalidade comum, condenaria à escravidão total, à total alienação”¹⁰. Nós também

¹⁰L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2000, p.122-123.

não estamos isentos disso.

E quais são as reduções da experiência? Vimo-lo nestes dias, dizemo-lo quase espontaneamente, quase sem uma consciência adequada. Muitas vezes para nós a experiência é reduzida simplesmente ao impacto que as coisas me provocam: contamos os factos, mas tudo fica por ali, e depois não resta mais nada. Isto porque geralmente também por nós a experiência é identificada com a soma dos “impactos”, a quantidade de momentos vividos, os *shock* ou as “impressões tidas” – que são todas reais (não é que não sejam reais), falamos de coisas reais e por isso tantas vezes pensamos que estamos a percorrer a estrada que nos propomos, porque ninguém está a fazer abstracções, conta factos reais; sobre isto, algum progresso fizemos, graças a Deus, mas permanecemos ali! –, ou então, com as emoções subjectivas, as “repercussões sentimentais”¹¹. A experiência, para nós – ou seja, para dizer melhor, aquilo que nós chamamos experiência –, ou é cega (experiência como sinónimo de mero provar), mecânica (mera sensação sem inteligência, sem juízo: redução empirista), ou é “subjectiva” em sentido negativo, isto é qualquer coisa de sentimental, é o subjectivo oposto ao objectivo, como se disséssemos: “Eu sinto que...” e isto torna-se a medida daquilo que nos acontece (redução subjectivista: o motivo da “suspeição” ou da acusação do “modernismo”): *tot capita tot sententiae*. Assim, hoje, estamos tão saturados de emoções quanto pobres de experiência.

A incompreensão da palavra “experiência” torna-se evidente pelo modo como habitualmente a opomos ao “juízo” (ou “conhecimento”): onde está uma não está o outro, são alternativas. É o sinal mais claro que se estamos confusos sobre um termo e o outro. Por isso, muitas vezes, se para nós a experiência é reduzida a esta espécie de impacto, de *shock* mecânico, o juízo parece-nos qualquer coisa de intelectual, quase imposto. E exactamente por isto, muitas vezes sentimos o juízo como uma violência, como alguma coisa que nós impomos ao real, que criamos nós. Vejam quantas vezes nos perguntamos porque devemos chegar a dizer Cristo: sentimo-l’O tão estranho, sen-

¹¹L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra, 2007, p. 139.

timo-l'0 de tal modo exterior à experiência que nos parece fazer um salto no vazio, de tal forma nos parece um acrescento, não pertencendo à experiência que fazemos. Torna-se uma violência, ponto! E por isso, algo de intelectual, acrescentado como um chapéu à “experiência”, entre aspas, que fazemos.

Temos à frente estas duas reduções, a do empirismo e a do intelectualismo: a experiência reduzida a empirismo e o juízo reduzido a intelectualismo. Uma concepção intelectualística do conhecimento e do juízo é a outra face de uma concepção empirico-sentimental da experiência. Intelectualismo e empirismo vão sempre de braço dado.

Um de nós, intervindo num encontro de responsáveis, observava que para nós o juízo é uma violência, como que dizendo: mas se devemos ajuizar também as coisas belas, as coisas intensas, isto arruína o encanto daquilo que vivemos, de alguma forma “despoetiza” a experiência, quase que a arruína. Por isso, quando as coisas são interessantes, belas, persuasivas, que necessidade há de ajuizá-las? Gozamo-las. Por isso tantas vezes – dizia – a instigação para ajuizar que nos fazemos parece a de um maçador. Em suma, vivemos uma coisa bela e devemos também ajuizá-la? Ou seja, parece-nos que estamos a realizar uma operação artificial e cansativa, que vai ao ponto de escavar na origem daquilo que nos aconteceu.

2. O JUÍZO COMO IMPACTO DO SER

Pelo contrário, para *don* Giussani as coisas são, de certo modo, mais simples e mais unidas, porque para ele (uma das coisas que me impressionou há tantos anos e que repeti muitas vezes) o juízo não é qualquer coisa a acrescentar, mas é o impacto do ser. O juízo não é qualquer coisa a acrescentar, mas é simultâneo ao impacto. Não é que, primeiro, as montanhas nos causem uma certa comoção e que depois tenhamos de reflectir para podermos dizer que são bonitas: quem fez esta operação mental nestes dias? Ninguém. Aquilo que disseram, aquilo que se surpreenderam a dizer foi: “Que bonitas que são estas montanhas!”, “Que belo dia!” sim ou não? Cada um pode fazer a

comparação com a experiência que fez. Ou seja: ajuizar que as montanhas são bonitas (mas isto também é válido para as coisas feias, ou pesadas, ou dolorosas), não é uma operação mental ou artificial: é simultânea. Colhemos a beleza no próprio acto do conhecimento, porque a realidade torna-se transparente na experiência, e por isso, como se torna transparente, torna o eu capaz de a reconhecer, porque neste impacto do ser o real, a beleza, faz vir ao de cima o meu eu de tal modo que eu a possa reconhecer. Não é que primeiro acuse o impacto, e depois deva ir procurar alguém que me diga se as montanhas são bonitas. Não é que eu não seja capaz de ajuizar. Depois do impacto das montanhas, alguém foi ter com quem hoje guiava o passeio para perguntar se as montanhas eram bonitas ou não? Falamos de coisas que não estão nem no céu nem na terra! Na própria natureza da experiência está esta contemporaneidade, isto é de tal modo verdade que se não chego a formular este juízo, não dou razão de tudo o que estou a viver neste momento. Se não digo: “São bonitas”, não digo toda a experiência que estou a fazer, como se não digo: “É feio” diante de qualquer coisa de feio, não exprimo toda a experiência de repulsa que o meu eu está a fazer. O juízo não é uma imposição, é a lealdade para com a experiência que faço (pensem como é correspondente o modo como cantamos quando estamos juntos).

“O que caracteriza a experiência é o *entender* uma coisa, o descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas”¹². E quando é que as percebo? Quando dou razão de todos os factores implicados na experiência. Por isso, quando dizemos que é artificial, dizemos qualquer coisa que é contra a experiência. É preciso olhar esta experiência elementar que fazemos diante do real, diante das montanhas, diante do canto, para aprender. Artificiais somos nós, que não nos damos conta verdadeiramente daquilo que acontece quando fazemos experiência. Nós é que somos desleais quando falamos da experiência que fazemos naquilo que verdadeiramente vivemos. Desculpem, diante destas montanhas é artificial dizer que são belas? É um acrescento? Acusar o im-

¹²L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006. p. 126.

pacto e tudo aquilo que brota em nós é artificial? Não, artificial é ficar parado.

Contavam-me que numas férias do Clu, durante um passeio, vendo a fila de miúdos em silêncio, uma pessoa que os encontrou perguntou: “Quem é que vocês são? “Somos universitários. Estamos aqui a passar férias”. “Não, não, não: quem é que vocês são?”. “Estamos aqui no Valle d’Aosta...”. “Não, não, não, quem é que vocês são?”. “Somos de Comunhão e Libertação”. “Ah! É impressionante ver-vos subir em silêncio!” Para aquele senhor, era artificial continuar a perguntar? Alguém lhe tinha dito que devia fazer o percurso? Alguém lhe tinha explicado que não há experiência se não se chega ao juízo? Não, mas não podia deixar de perguntar. Artificial seria ter ficado a meio e não perguntar mais.

O que é esta experiência? A comparação rapidíssima que fazemos daquilo que experimentamos com as exigências que constituem o nosso coração; e quanto mais belo é aquilo que vemos, ou quanto mais feio é aquilo que vemos, tanto mais é fácil o juízo, mais depressa vêm ao de cima todas as exigências e fazemos esta comparação rapidíssima; e quanto mais o humano está presente, quanto menos somos como pedras, tanto mais é fácil fazer esta comparação rapidíssima. É simples. *Don Giussani*, na sua genialidade, descreve-nos um caminho, uma estrada plena de razoabilidade a ao mesmo tempo de uma simplicidade desarmante; não são precisos percursos estranhos, é normal para cada um, também para uma pessoa que está a observar os miúdos no passeio; é a experiência desta comparação rapidíssima com aquilo em que nos embatemos, que faz vir ao de cima todas as exigências do coração com toda a sua curiosidade e que nos leva ao juízo. É como se *don Giussani* nos tivesse ajudado a dar-mo-nos conta, como num vídeo em câmara lenta, de todos os factores implicados na experiência que fazemos tão rapidamente, tão rapidamente que não nos damos conta deles, a tal ponto que depois os reduzimos, porque o impacto de qualquer coisa redesperta todas as nossas exigências de tal modo que, com estas exigências, podemos imediatamente

ajuizar aquilo que temos diante; mas é tão rápido que não nos damos conta de tudo aquilo que existe. Por isso – como dissemos nos Exercício da Fraternidade – o eu empenhado naquilo que experimenta faz surgir, com esta simplicidade, o juízo. Devemos olhar – como ele sempre nos ensina – a imediatez da experiência para ter presente todos os factores. De outra forma, conforme a moda do momento, do slogan do momento, agarramos um factor ou outro: depois do “juízo” viria a “contemporaneidade”, depois a “correspondência”... cada palavra de sua vez, mas sem apreender tudo junto. A genialidade de *don Giussani* é que em vez de nos explicar como é que as palavras estão juntas, faz-nos partir da experiência, onde tudo está unido! Não devemos procurar juntá-las, já estão juntas! É mais simples do que aquilo que nós fazemos. E quanto mais vêm ao de cima as exigências diante do real, tanto mais uma pessoa se dá conta que Deus é a última implicação da experiência humana (a religiosidade como dimensão inevitável de autêntica experiência).

3. A TRAJECTÓRIA DA EXPERIÊNCIA

Então é inevitável lembrar aquele que permanecerá sempre a obra prima sobre a experiência, o capítulo X de *O Sentido Religioso*, porque é precisamente ali que temos a descrição completa daquilo que é a experiência humana, onde não se reduz a experiência ao primeiro impacto, mas se documenta que o primeiro impacto é o primeiro passo de um caminho, de uma trajectória, e que para explicar aquele primeiro impacto é preciso chegar àquilo que está implicado naquele impacto, isto é, Deus, isto é o Tu. Mas se a experiência é isto, perguntemos, amigos: quantas vezes fazemos verdadeiramente experiência? Cada um de nós pode olhar para o último mês, para a última semana e ver quantas vezes fez verdadeiramente experiência, quantas vezes tomou consciência do real segundo todos os factores co-envolvidos naquele impacto inicial: assim, damos-nos conta de que tipo de redução fazemos da experiência, daquilo a que chamamos experiência, pela qual no fim não há

conhecimento, não chegamos a conhecer. Podemos aproximarmo-nos, mas no fim é sempre como um salto no vazio: não é conhecimento, e por isso torna-se voluntarista, imposto, sentimo-lo forçado. E aí começa o dualismo: vê-se que o eu não renasce, isto é, que o eu não adquire um conhecimento verdadeiro, não ajuízo. Por isso, para perceber todo o alcance do capítulo X de *O Sentido Religioso* é preciso um eu capaz de reconhecer no impacto com o real tudo aquilo que existe, porque este capítulo – como dizia – é a explicação plena da experiência. Porque, para *don* Giussani, dizer: “Eu sou” com toda a consciência, significa dizer: “Eu sou feito” – “Então não direi: «Eu sou» conscientemente, segundo a totalidade da minha estatura de homem, senão identificando-o com «Eu sou feito»¹³ –, ou seja, implica Deus. Portanto, a experiência não se caracteriza por um acumular de impactos, de impressões, de emoções, mas por uma aquisição de conhecimento, por uma descoberta, por uma compreensão do sentido. Sem um aumento de consciência, de conhecimento das coisas e de si, não se pode dizer que se faz experiência. “Daqui a quantidade de acepções inadequadas, ainda que frequentes, da palavra experiência: por experiência entende-se [olhem que no elenco que se segue há lugar para todos nós] reacção imediata a determinadas propostas, a multiplicação de vínculos por mera proliferação de iniciativas, a fascinação repentina ou o repúdio pelas coisas novas, a afirmação de uma elaboração ou de um esquema próprio, uma recordação do passado que não revive como valor do presente, ou até um acontecimento que se cita com o fim de bloquear uma aspiração ou mortificar um ideal”¹⁴. É como se *don* Giussani nos tirasse uma fotografia, não para nos batermos a nós mesmos, mas para aprendermos. A mim interessa-me aprofundar onde é que nos encaixamos, porque se não o percebermos, não fazemos um caminho humano e no fim usamos as palavras com o significado não da experiência que fazemos, mas do poder.

“Sem capacidade de valoração, o homem não pode fazer experiência alguma [se não há verdadeiramente conhecimento,

¹³L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit. p. 149.

¹⁴L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit. p. 128.

eu não faço experiência]. [...] É certo que a experiência coincide com o «provar» alguma coisa; mas coincide, principalmente, com o juízo dado sobre o que se prova.»¹⁵ Olhem que são frases que repetimos muitas vezes, mas há ainda tanto para aprender. É ainda em *O caminho para a verdade é uma experiência* recorda-nos como “numa experiência autêntica, se vêem comprometidas a autoconsciência e a capacidade crítica (a capacidade de verificação!) do homem»¹⁶. Totalmente diferente de um puro mecanismo! A autoconsciência.

4. O TESTE DA EXPERIÊNCIA: REPARAR QUE SE CRESCE

Se a experiência é um provar ajuizado, isto é, ajuizado segundo os critérios originais e objectivos imanentes à nossa estrutura humana – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade –, onde é que se vê – perguntávamos ontem – que foi emitido um juízo, isto é, que aconteceu a passagem do provar à experiência? Onde é que se vê que fiz verdadeiramente experiência? Qual é o teste de que se cumpriu uma experiência? Olhem para aquilo que diz *don* Gius: o teste da experiência é que me faz crescer. “A pessoa anteriormente não existia: por isso o que a constitui é um *dado*, um produto de *outro*. Esta situação original repete-se a cada nível do desenvolvimento da pessoa [eu já sou um dado-por, dado-por-um-outro]. O que provoca o meu crescimento não coincide comigo, é algo distinto de mim. [Então o que é a experiência?] *Concretamente, a experiência é viver aquilo que me faz crescer* [é aquilo que desenvolve a minha pessoa, é o incremento do eu de que falávamos ontem]. A experiência produz, por conseguinte, o crescimento da pessoa através da valorização de uma relação objectiva. *Nota bem*. A «experiência» diz respeito ao facto de *reparar que se cresce*»¹⁷.

Reparar que se cresce. Por isso não basta que continuemos a contar factos, porque podemos continuar a fazê-lo e não crescermos, não reparamos que se cresce, e isto vê-se pelo facto de que estamos perdidos diante das questões que surgem, porque não há verdadeira experiência. A experiência não é só contar

¹⁵L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit. pp. 16-17.

¹⁶L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit. p. 139.

¹⁷L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit. p. 125.

coisas, factos: a experiência diz respeito ao facto de reparar que se cresce. “Por isso não há experiência se o homem não notar que «cresceu» com ela”¹⁸. Quer dizer, não é experiência se não há crescimento, incremento, se não se tornam verdadeiras as dimensões que qualificam um eu, a sua relação com a realidade, o conhecimento de si e das coisas (consciência e certeza do significado), a capacidade de adesão e de manipulação criativa.

5. O TRIPLO FACTOR DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Estamos conscientes e certos de fazer experiência, se há este incremento da pessoa. A alternativa a este incremento do meu eu é descobrir-me velho e vazio. Isto é aquilo em que nos jogamos nesta questão: ou um caminho humano que nos leva cada vez mais a participar na aventura do conhecimento, com tudo aquilo que implica, ou o vazio, o nada, e por isso o descontentamento. Não se trata de romper o “encanto”, mas sim de não perder a possibilidade do “encanto” para sempre. Porque aquilo que nós chamamos “encanto” é o aspecto mais fugaz, que imediatamente se desvanece. Por isso muitas vezes – como dissemos nos Exercícios da Fraternidade – vimos coisas belíssimas, mas um instante depois, quando chega o cansaço, tudo se desvanece, tudo. É como se nós – como dizia o profeta Oseias – não percebêssemos. E como é que se vê que não percebemos? Pelo facto que, depois, pensamos que se desvanece. Porque não colhemos, não ajuizamos, não percebemos que coisa é a experiência que fazemos – com efeito, para nós, no conhecimento não está implicado o Mistério –, pensamos que se desvanece. Mas isto não é porque não somos bons, ou porque não somos verdadeiramente bons, não: acontece por uma falta de conhecimento.

Tudo isto que dissemos até agora – que é verdadeiro para a experiência em geral, a começar pelo acontecimento como factor generativo da experiência – é verdadeiro em máximo grau para a experiência cristã: “A experiência cristã e eclesial emerge como unidade do acto vital [unidade do acto vital, antes de tudo: é impressionante esta capacidade de *don* Giussani de

¹⁸L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit. p. 138.

colher as coisas no momento em que surgem e depois tornar-se consciente de tudo aquilo que está implicado neste ponto de surgimento, nesta unidade de acto vital (pensemos no encontro)] resultante de três factores:

a) *O encontro* com um facto objectivo, originalmente independente da pessoa que vive a experiência; facto cuja realidade existencial [desde o caso dos apóstolos] é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade na qual a voz humana da autoridade, manifestada nos seus juízos e directrizes, constitui critério e forma [assim descreve esta objectividade daquilo que eu encontro, qualquer coisa de independente à pessoa]. Não existe nenhuma versão da experiência cristã, por muito íntima que seja, que não implique, pelo menos em última instância, este encontro com a comunidade e esta referência à autoridade¹⁹ Trata-se de uma precedência absoluta do real. *Don Giussani* falava do embate com qualquer coisa de exterior, como o embate dos discípulos com Qualquer coisa de fora de si mesmos, o encontro com Jesus: “*O embater-se da pessoa numa diversidade humana*, numa realidade humana diferente²⁰. Não demos por adquirido este embate, porque, como me contou de si mesmo um dos responsáveis do movimento em Itália, nós às vezes pensamos: “Ah! O encontro: já sei”, e fugimos falando de outras coisas, todas verdadeiras, mas saltando este embate, este safanão. Este primeiro impacto com o real é o que nós saltamos constantemente, cada um de nós poderia reconhecê-lo em si mesmo. Pois bem: não podemos permiti-lo como método nem em sonhos! Porque uma pessoa pode até ter feito um caminho, mas depois quando o explica, como não se deu conta de ter crescido, conta-o já reduzido, mudando-lhe as conotações: a experiência era verdadeira tal e qual, mas nós explicamo-la, contamos-la, reflectimos sobre ela de uma outra forma. Isto quer dizer que não houve um reparar que se cresceu.

b) “O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro [e isto dá-se – diz *don Giussani* – na unidade do acto

¹⁹L. Giussani, *Educar é um risco*, op.cit., p. 129.

²⁰L. Giussani, “Qualquer coisa que vem antes”, *Passos* nº 10, Novembro 2008, p. 1.

vital, não num dar-se conta sucessivo]. O valor do facto no qual embatemos transcende a força de penetração da consciência humana, e requer por conseguinte um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. De facto, este mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão [atenção!] exalta também a capacidade cognitiva da consciência, adequando a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca. É o que se chama a *graça da fé*.²¹ A graça da fé é este acontecimento que tenho diante, com o qual estou envolvido neste acto vital, no qual a Presença exalta a minha capacidade cognoscitiva, para adequar a agudez do olhar humano àquela realidade excepcional que tenho diante, para colher o seu significado. É impressionante. Chama-se “graça da fé”, que não é uma coisa que caia sobre nós vinda sabe-se lá de onde: a graça é esta Presença, é esta contemporaneidade de Cristo agora, que está numa realidade humana, numa diversidade humana; tem a capacidade de exaltar a minha capacidade cognoscitiva, alarga a razão para a adequar àquela excepcionalidade que tenho diante e poder colher o significado desta excepcionalidade; porque sem colher o significado desta excepcionalidade, eu não percebo o que é o encontro. E como não o percebemos, por isto, depois, vem-nos quase a vontade que desapareça, porque não percebemos o que é que encontramos.

c) “A *consciência da correspondência* entre o significado do Facto em que embatemos [isto é, a Presença excepcional que eu acolho] e o significado da própria existência – entre a realidade cristã e eclesial e a própria pessoa –, entre o Encontro e o próprio destino. É a consciência desta correspondência que verifica esse crescimento de si próprio, que é essencial ao fenómeno da experiência [humana]. Também na experiência cristã, ou melhor, sobretudo nela, se torna claro que em toda a autêntica experiência estão comprometidas a auto-consciência e a capacidade crítica do homem e que uma experiência autêntica está bem longe de se identificar com uma impressão que se teve, ou de se reduzir a uma repercussão sentimental. Na experiên-

²¹L. Giussani, *Educar é um risco*, op.cit., p. 129-130.

cia cristã, o mistério da iniciativa divina valoriza essencialmente [exalta a capacidade cognoscitiva do homem] a razão do homem quando leva a cabo esta «verificação». E é nesta verificação que se demonstra a *liberdade* humana: porque registrar e reconhecer a correspondência exaltante que existe entre o mistério presente e o próprio dinamismo do homem, é algo que não pode produzir-se senão na medida em que esteja presente e viva essa aceitação de nossa dependência fundamental, do essencial «sermos feitos», na qual consiste a simplicidade, a «pureza de coração» e a «pobreza de espírito». Todo o drama da liberdade reside nesta «pobreza de espírito»: e é um drama tão profundo que pode quase passar inadvertido²²

²²L. Giussani, *Educar é um risco*, op.cit., p. 130-131.

Sábado 22 de Agosto de 2009, manhã

1. Nem toda a confusão ou todo o desnorteamento que levamos em nós podem derrotar a beleza daquilo que ouvimos e vivemos nestes dias, de tal modo é verdade que estávamos todos conquistados pela imponência da beleza. E toda a possibilidade de esperança que temos é que isto reaconteça, que reaconteça sempre qualquer coisa que possa vencer esta confusão e este desnorteamento, porque – como dissemos – toda a confusão e todo o desnorteamento têm uma razão de ser: a falta de um juízo, a experiência reduzida apenas a provar e a simples reação diante daquilo que se prova. Porque é que esta falta de juízo prevalece continuamente em nós, apesar de tantas experiências de libertação, como a que vivemos nestes dias? Digo-o imediatamente: por uma falta de método.

Impressionou-me para sempre um episódio que me aconteceu em casa de uma minha amiga professora em Barcelona, onde encontrei duas raparigas do último ano do secundário. Perguntei-lhes: “Mas vocês, agora que acabam os estudos têm alguma certeza sobre a matemática para a poder comunicar?”. Imediatamente me responderam: “Sim”. “E sobre a vida?”... Caladas, ficaram caladas. Não que é que não tivessem vivido, ou melhor tinham vivido muito mais horas do que todas as horas de matemática que tinham tido, mas qual é a diferença? É que na matemática tinham aprendido um método que aos poucos consentia construir um conhecimento tal pelo qual, no fim de um percurso, podiam ter certezas para comunicar; mas sobre a vida não; ninguém tinha posto nas suas mãos um instrumento para fazer o percurso, para atingir esta certeza. Por isso já na sua jovem idade, começavam a tornar-se velhas e vazias, porque tudo o que tinha acontecido não as tornava certas.

Por isso, diante da pergunta: “É possível vencer a confusão

ou devemos resignar-nos a viver desnorteados?”, a decisão a tomar é se queremos fazer um caminho de modo a que tudo aquilo que vivemos se torne verdadeiramente experiência ou então se nos contentamos com uma qualquer das reduções de que falámos nestes dias. Vemos entre nós, é palpável, que não basta repetir um discurso, ainda que certo, que não basta uma “lógica de grupo” (como dizia *don* Giussani no último livro publicado da *équipe*²³). Precisamos de fazer uma experiência pessoal. Mas aquilo que impressiona – amigos – é que esta era a convicção de *don* Giussani desde a primeira hora: “Desde a primeira aula sempre disse: «não estou aqui para que vocês retenham como vossas as ideias que eu vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu vos direi. E as coisas que eu vos direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos»”²⁴. Estava consciente desde o início que não bastava sequer toda a imponência da sua pessoa, do seu testemunho: era preciso pôr o eu em acção para que ele mesmo pudesse ajuizar, desde o primeiro instante. Num jovem que ouve dizer isto, o que acontece é a exaltação do sujeito. Coisa muito diferente da redução do eu para exaltar um certo mecanicismo ou só uma pertença de grupo; é precisamente tomar a sério o sujeito, de tal modo que possa ter um método que lhe consinta ajuizar aquilo que lhe é proposto. E prossegue: “O respeito por este método caracterizou desde o início o nosso empenho educativo, indicando com clareza o objectivo: mostrar a pertinência da fé às exigências da vida [eis o porquê da insistência sobre o ajuizar]. Devido, em primeiro lugar, à minha formação familiar e do seminário, e mais tarde à minha meditação, tinha-me convencido profundamente que uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, e confirmada por esta, útil a responder às suas exigências, não seria uma fé capaz de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o oposto [...]. Mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida e, logo – este «logo» é importante para mim –, demonstrar a racionalidade da fé, implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que

²³L. Giussani, *Qui e ora* (1984-85), Bur, Milão 2009, pp. 269-337.

²⁴L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 20.

a fé exalta a racionalidade, quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais e originais do coração de cada homem. De facto, a Bíblia, em vez da palavra «racionalidade», usa a palavra «coração»²⁵.

Desde a primeira hora... Impressiona voltar a ouvi-lo passados tantos anos, depois daquilo que vimos nestes dias. Don Giussani tinha consciência que se não conseguisse pôr em movimento o eu, tudo teria sido inútil; tinha consciência de que não bastava a testemunha, mas que o teste da grandeza da testemunha é a capacidade de pôr em movimento o sujeito, isto é a razão e a liberdade. Tudo o que queria então – e quer de nós hoje – é precisamente o renascimento do eu em cada um de nós, porque Cristo veio precisamente para isto, para que o nosso eu renasça. Era a sua contínua, quase obsessiva urgência: que se torne nosso tudo aquilo em que nos co-envolveu. E a peça-chave é o juízo; é o juízo que torna experiência uma coisa que se faz.

Mas vimos a dificuldade que temos em compreender o que é a experiência e o que é o juízo. Dizemos continuamente “juízo” sem nos darmos conta que o fazemos: por exemplo, não nos damos conta que dizer: “nem sequer isto me basta” é um juízo, isto é, implicou uma comparação, mesmo que muito rápida, entre qualquer coisa que nos aconteceu e o nosso coração. E se eu não me dou conta disso, então é inútil para a vida. E dizer: “vi um homem contente” é, também, um juízo; e dizer: “isto corresponde finalmente à exigência do meu eu” é, de novo, um juízo. Não nos damos conta sequer de que estar aqui exigiu uma miríade de juízos! Vemos, tocamos com a mão esta redução em acto da experiência.

2. Então, há alguma *chance* para nós? Há uma *chance*, amigos, há uma chance: partir da experiência: olhemos juntos – como dissemos há um minuto atrás – a experiência vivida nestes dias. Toda a confusão não foi capaz de evitar o reconhecimento da beleza das montanhas, ou dos cantos, ou dos testemunhos, ou a imponência de certos gestos. Nada. Parece

²⁵*Ibidem*, pp. 20.

pouco dizer isto, mas é muitíssimo, é uma brecha na confusão: a confusão pode ser derrotada, e em alguns momentos destes dias e deste ano nós vimos esta vitória. Não assistimos apenas a certas lições ou a certas coisas, a uma série de iniciativas com que enchemos o tempo: vivemos a experiência desta vitória sobre a confusão. É possível fazer uma experiência que tenha dentro o juízo do reconhecimento a que nós podemos aderir como a qualquer coisa de verdadeiro. Porque o juízo – como vimos – não é qualquer coisa de intelectual, para pessoas que complicam a vida, mas é o reconhecimento daquilo que temos diante dos olhos até à sua implicação última, é a forma humana de relação com a Presença que nos acontece. O juízo é uma resposta, é o acontecimento da resposta à provocação da Presença, é o modo com que a razão colhe a realidade no seu significado. Por isso a falta de juízo equivale à falta do eu, do meu olhar, da minha consciência, e por isso não há conhecimento, mas apenas reacção.

Vê-se a dificuldade que temos porque o juízo ainda nos parece um acto intelectual, que parte do zero, como uma produção autónoma e espontânea do intelecto, não como o impacto do ser que já implica o movimento do eu, redespertado pelo irromper de qualquer coisa de outro. E – como vêm – esta experiência elementar que nós fizemos nestes dias é aquilo que *don Giussani* nos propõe. Não é que *don Giussani* tenha um poço secreto donde tira as ideias; simplesmente, é tão leal com a experiência que faz, colhe tão potentemente todos os factores, é tão homem, é tão presente àquilo que faz, que nos ajuda a surpreender isto, tanto é assim que se não estívéssemos com ele, provavelmente não teríamos consciência daquilo que acontece naquele rapidíssimo acontecimento, naquela unidade. Esta é a companhia que *don Giussani* continua a fazer-nos. Mas aquilo que *don Giussani* nos diz é o explicitar-se, é o tornar-se consciente ele, e por isso nós, daquilo que acontece, daquilo que todos experimentamos se partimos da experiência.

Por isso dei-me conta cada vez mais durante este Verão, nos diversos encontros, que há uma confusão entre a intenção de

seguir e o seguimento real de *don* Giussani. Todos nós temos a boa intenção de seguir (estamos aqui). Mas não basta, porque uma coisa é a intenção e outra é aquela comparação cerrada, que exige o seguimento, entre aquilo que fazemos e aquilo que ele diz.

Tornou-se-me claro de um modo imponente quando uma rapariga contou como levou a sério o capítulo X do *Sentido Religioso* e começou a comparar: era um espectáculo! Ou seja, não genericamente, “leio o capítulo e depois, no fundo, um instante depois de ter acabado continuo a mover-me a partir daquilo que me vem à cabeça”, que é aquilo que fazemos estando aqui depois de termos lido o capítulo; tinha mesmo começado a fazer uma comparação cerrada entre o modo como se movia e o texto, e voltava a ler para ver, para ajuizar, para comparar o modo como se movia e aquilo que *don* Giussani diz. E ela mesma ficava surpreendida com aquilo que estava a acontecer, porque em pouquíssimo tempo tinha feito um caminho enorme. E eu dei-me conta: então nós tantas vezes pensamos que seguimos porque temos a intenção de seguir, mas a intenção de seguir não é seguir, é um requisito para seguir, mas não basta. Cada um deve tomar posição sobre isto, porque de outro modo todas as dificuldades que vimos não se superam, só se adiam para o futuro.

Seguir *don* Giussani é fazer uma experiência humana, não apenas provar, mas emitir um juízo. E porque é que *don* Giussani insiste assim tanto nisto conosco (que somos como todos os outros, imbuídos da mentalidade mundana como todos)? Porque se dá conta que só “a evidência da Experiência”²⁶ te pode convencer, te pode ajudar a perceber uma outra modalidade e não a perceber como estranha a ti, como se para seguir alguém tivesses que te arrancar da tua liberdade e da tua razão. Não. Só se tu vês a evidência que vem ao de cima na experiência te podes surpreender a dizer: “Mas esta é a conveniência humana para mim, isto é aquilo que é razoável fazer, isto é a correspondência”. De outro modo, como acontece sempre, nós mantemos a intenção de seguir, mas a mentalidade é a de todos:

²⁶L. Giussani, *L'avvenimento Cristiano. Uomo Chiesa Mondo*, Bur, Milão 2003, p. 56.

temos a intenção de seguir Giussani, mas a mentalidade é a de todos, e disso temos tantos indícios (desde o caso de Eluana, a todos os problemas que surgiram nestes dias de confronto e que dizem respeito a todos os continentes”.

3. Ontem, um de vocês disse-me: “Muitos dos nossos amigos não são definidos pelo encontro feito: a sua «pertença» e mentalidade de origem definem mais o próprio eu do que o encontro feito”. Nesta dificuldade em compreender a necessidade do juízo surge algo de mais profundo, que é uma concepção da fé pela qual esta, não obstante todo o resto, não é uma experiência, não é uma experiência capaz de incidir. Às vezes tenho a impressão que é como se auspiciássemos que a fé fosse qualquer coisa de semelhante a uma transfusão de sangue, onde não existe o eu, qualquer coisa de mecânico. Mas isto é contra a primeira hora de *don* Giussani! Imaginem todas as outras horas depois! Ou seja, não basta sequer estar juntos, não basta a lógica de grupo, porque como mentalidade pertencemos a outro lugar.

Então – dizia no Prefácio que escrevi para *Qui e ora*, citando Dostoievski – nesta situação podemos perceber a dimensão da pergunta: “«Um homem culto, um europeu dos nossos dias pode acreditar, acreditar mesmo, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?» Talvez ninguém mais do que Dostoievski, em *Os irmão Karamazov*, tenha colocado de modo sintético e peremptório o desafio diante do qual se encontra o cristianismo na modernidade. *Don* Giussani teve a coragem de se medir com este desafio histórico, se possível, radicalizando-o. Com efeito, aposta tudo na capacidade da sua proposta educativa de gerar um tipo de sujeito cristão para o qual «ainda que todos se fossem embora – todos! – quem tem esta dimensão de consciência pessoal [que a fé gera] não pode senão recomeçar as coisas sozinho»²⁷.

Esta consciência pessoal, esta dimensão da consciência pessoal, pode descrever-se como a consciência de uma pertença, da pertença a Cristo. É evidente para Giussani que se aconte-

²⁷J. Carrón, *Passare da una lógica di gruppo a una dimensione di coscienza personale*, in L. Giussani, *Qui e ora* (1984-85), op. cit., p. I.

cesse aquilo que ele diz – que todos se fossem embora – ninguém se podia apoiar sobre uma lógica de grupo. Ficando sozinho, para poder enfrentar aquele desafio, seria preciso a “passagem da lógica de grupo à dimensão de consciência pessoal como pertença”²⁸. Porque muitas vezes, em certos lugares, devemos começar do princípio sozinhos, ou devemos estar no trabalho sozinhos, ou devemos enfrentar tantas situações sozinhos; mas aí, a pessoa está de pé ou não, ou devemos trazer o grupo? É possível gerar uma criatura nova que tenha uma consciência que nasce do encontro feito, um sujeito cristão capaz de recomeçar do início?

Don Giussani, que é de tal modo consciente do desafio histórico e de tal modo consciente das nossas reduções da experiência e das nossas reduções da fé – porque esta é a questão – desafia todas estas resistências (de então e de agora) com o termo “experiência”, para repropor o cristianismo na sua originalidade, na sua natureza, nos seus aspectos elementares. Através da palavra “experiência” são afirmados e defendidos os elementos essenciais do cristianismo e da fé, contra a redução fideístico-espiritualista e ética.

Como vimos, o ponto de partida da fé é um acontecimento, o encontro com um facto objectivo, não uma doutrina ou uma cultura abstracta ou então um passado, mas uma presença real, aqui e agora, um fenómeno de humanidade diversa, que é a única que corresponde à natureza daquilo que sucedeu no início. Pensemos em como *don Giussani* nos encaminha continuamente para aquilo que será para sempre o *cânon* daquilo que é o cristianismo: o encontro de João e André. Para eles, foi uma experiência porque puderam dizer: “Encontrámos o Messias”²⁹. Deram um juízo diante daquela excepcionalidade. Há uma aparente desproporção entre aquilo que acontece e aquele juízo de excepcionalidade. Porque é que é possível dar um juízo tão rapidamente (como fizemos nestes dias diante das montanhas)? Porque quanto mais é excepcional, tanto mais é fácil dar este juízo de excepcionalidade; porque quanto mais é excepcional, tanto mais vêm ao de cima todas as exigências da

²⁸L. Giussani, *Qui e ora* (1984-85), op. cit., p. 307.

²⁹Jo 1, 41.

minha razão, da minha liberdade (de beleza, de verdade, de justiça), para colher aquela excepcionalidade. Precisamente porque o cristianismo é um facto objectivo tão excepcional diante de nós, e que exalta o eu, é que se desencadeia toda a capacidade crítica de que falávamos nestes dias, toda a capacidade de razão. Aliás, é esta exaltação da razão e da liberdade que documenta que existe a excepcionalidade (diante daquilo que não é excepcional não me incomodo, não mexo sequer uma palha). Ou seja, demonstra-se que é excepcional porque me move, me agarra e me leva, facilita-me o juízo, isto é, exalta o meu eu, porque – e isto é impressionante – o interlocutor desta excepcionalidade é o coração, não é aquilo que eu penso, não é a minha cultura, as minhas ideias ou tudo aquilo que sobreponho, ou seja, a minha confusão. Nada pode impedir o diálogo, o desafio que aquela excepcionalidade provoca no coração, desimpedindo o caminho. Se não fosse assim, seria inútil estar aqui, deveríamos resignarmo-nos a não poder sair desta situação.

Olhar aquilo que aconteceu em nós durante estes dias é aquilo que nos poderá convencer da *chance*, ou seja, que é possível o gerar de um sujeito precisamente se cada um for leal aquele acontecimento que lhe consente fazer esta experiência. Esta experiência excepcional dirige-se ao coração, provoca-o, desafia-o, mobiliza toda a nossa humanidade, põe-na em jogo, empenha a nossa razão até ao ponto de exigir um nosso juízo. Artificial seria impedi-lo. Sem este juízo o encontro não se pode tornar uma experiência nossa, a adesão de fé não pode ser razoável. “Com efeito o próprio gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognoscitiva da consciência, adequa a agudez do olhar humano à realidade excepcional para o qual o provoca. Chama-se *graça da fé*”³⁰. Exprimo-o de forma mais teológica: “A fé é o «reconhecimento» de que Deus se tornou factor da experiência presente. Enquanto «reconhecimento», é um acto da razão, um juízo, não um sentimento ou um estado de ânimo. A fé represente o cumprimento da razão humana”³¹, tornada possível pela presença contemporânea de Cristo que se torna

³⁰L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 129-130.

³¹L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998.

experimentável através de uma realidade humana.

Se a fé não é um juízo, ou é um espiritualismo ou um sentimentalismo. No fundo, é uma fé, sem motivos adequados, ou seja, não humana, e vê-se que não é humana porque desaba imediatamente, porque não me determina, porque não incide, porque o meu posicionamento original (a minha tradição religiosa, ou familiar, ou cultural, ou da tribo) é mais decisiva do que a fé. No fundo, não é possível um sujeito diferente. Não é que esta excepcionalidade te impressiona e te deixa como eras antes, mas redesperta todas estas exigências e facilita o reconhecimento. Por isso, o juízo é a peça-chave da experiência: se aquela excepcionalidade foi capaz de despertar o eu com toda a sua capacidade para chegar ao juízo. Por isso é que se vê claramente que não basta a testemunha, mas que o eu não pode lá chegar sem a testemunha. Não se podem pôr em contraposição, porque o teste é que a testemunha me redesperta (e nisto está toda a concepção autenticamente católica da fé): se a presença de Cristo é capaz de redespertar o eu e de pôr em movimento toda a capacidade humana para gerar uma criatura nova, ou se em nós existe simplesmente uma afirmação de Cristo pela qual Ele, mesmo sendo continua e insistentemente afirmado, acaba por ser incapaz de mudar o eu. Aqui se vê a incidência frequente de uma certa mentalidade protestante. Se a fé não é católica, se não é segundo a perfeição que coincide com a natureza do acontecimento assim como foi, é inútil, isto é podemos ir para casa e não perder mais tempo. Então é ali, quando uma pessoa cumpre este caminho, que regista a conveniência humana, a correspondência daquele acontecimento à sua humanidade. Mas nós, de novo, podemos estar diante de factos imponentes e não caminhar, e no fim é como se não servisse para nada, porque não faz crescer o eu.

4. O teste da fé (esta experiência humana em que está implicado e co-envolvido todo o eu) é a memória. Quero acabar com o olhar de todos nós dirigido para este grande passo da Escola de comunidade: “João e André tinham fé, porque tinham a cer-

teza de uma Presença experimentável. No primeiro capítulo de S. João, quando estavam sentados em casa dele ao fim da tarde, a vê-lo falar, tinham a certeza de uma Presença experimentável, de uma coisa excepcional, do divino numa Presença experimentável. Depois – acrescento eu – foram dormir a suas casas, André foi ter com a mulher, João foi ter com a mãe. Foram para as suas casas, comeram nas suas casas, dormiram nas suas casas, levantaram-se e foram pescar com os outros companheiros. O que tinham visto na tarde anterior dominava ou não dominava os seus pensamentos? Dominava. Viam-no? Não. Mas o homem experimenta, faz experiência de uma presença, não apenas quando a toca, nariz contra nariz. Mais: esta maneira de querer experimentar uma presença normalmente cria uma coisa inútil, cria uma relação que não se mantém – como entre todos os rapazes e raparigas – que, mesmo quando se mantém, não se mantém. Pelo contrário, entre o dia anterior e a hora do almoço (quando voltaram para casa com os barcos cheios de peixe e se sentaram na praia, e ainda continuavam a falar do dia anterior), havia uma continuidade, entre aquela tarde e o dia seguinte havia uma continuidade: a memória. A memória é a continuidade da experiência de um presente, a continuidade da experiência de uma pessoa presente, de uma presença que já não tem as qualidades e o imediatismo de quando se agarra no nariz de alguém e se puxa, puxa, puxa, ou se agarra nos cabelos e se puxam os cabelos, como fazem as crianças com a mãe; aquele imediatismo não é absolutamente nada decisivo para a profundidade e a segurança da relação. Mesmo que não o tivessem visto durante três semanas, o desejo dominante para aqueles dois seria o de voltarem a encontrar-se com Ele, porque era evidente que era Ele, que Ele era Ele – não sabiam quem era, mas era Ele. A memória é a consciência de uma Presença. Mas é preciso distinguir a maneira como ela começou da maneira como continua. Quando começou, viam-se os cabelos e, como estava vento, os cabelos vinham para a frente dos olhos, e instintivamente Ele afastava-os. Mas, no dia seguinte, já não estava vento e já não tinham diante dele aquele rosto e, no en-

tanto, Ele estava presente, e uma semana depois aquela Presença ainda era presença, e um mês depois ainda era presença. Mesmo que tivessem passado três anos sem o ver, toda a sua vida teria sido rasgada pelo desejo de rever os cabelos agitados pelo vento: mas era Ele, uma segurança absoluta. O último [...] pensamento que teria passado pela cabeça daqueles dois, mesmo que não o tivessem visto durante seis meses, era a dúvida de que tivesse sido uma ilusão. Nunca lhes teria passado pela cabeça que tivesse sido uma ilusão. Alguém que o tenha visto como eles o viram... é impossível que isso lhe passasse pela cabeça. [Uma pessoa que fez uma experiência assim... impossível: se nos vem à ideia que seja apenas uma ilusão, é porque não fizemos esta experiência]. Em vez d'Ele de cabelos ao vento, em vez de o veres falar, de veres a sua boca a mexer, agora Ele chega até ti através das nossas presenças, que somos como as máscaras frágeis, a pele frágil, as máscaras frágeis de alguma coisa poderosa que está lá dentro, que é Ele. Não sou nem eu, nem ele, nem tu, e no entanto passa através de mim, através de ti, passa através dele. Não há ninguém que te diga as coisas que hoje estamos a dizer. As coisas que vos digo não são minhas, são d'Aquele que André e João naquela tarde viam falar; falava, e falava... E assim, vencendo o tempo e o espaço, Ele falou-te hoje aqui; e falar-te-á depois de amanhã e daqui a dez anos³².

³²L. Giussani, *É possível viver assim?*, Tenacitas, Coimbra, 2009, pp. 126-128.